

LAZER E EXPERIÊNCIA URBANA EM MARABÁ: ESTUDOS DE CASO SOB A PERSPECTIVA DA PSICOGEOGRAFIA

LEISURE AND URBAN EXPERIENCE IN MARABÁ: CASE STUDIES FROM A PSYCHOGEOGRAPHY PERSPECTIVE

Antônio Nascimento¹
Caio Maximino²
Suellen Cordovil da Silva³

Resumo: Este artigo analisa os espaços culturais e de lazer da cidade de Marabá (PA) a partir da perspectiva da psicogeografia, buscando compreender como diferentes formas de apropriação urbana produzem experiências afetivas e socioculturais no cotidiano da cidade. O estudo tem como objetivo investigar de que maneira determinados espaços públicos são resignificados pelos usuários, transformando-se em lugares de encontro, sociabilidade e práticas culturais. Metodologicamente, a pesquisa baseia-se em abordagem qualitativa, combinando revisão bibliográfica sobre psicogeografia, produção do espaço e urbanismo, com observação e análise descritiva de quatro espaços urbanos da cidade: Praça da Criança, Orla Sebastião Miranda, Praça dos Maçons e Ponte Ana Miranda. A partir dessas análises, busca-se compreender as relações entre planejamento urbano institucionalizado e as formas de apropriação cotidiana realizadas pela população. Os resultados indicam que, embora muitos desses espaços tenham sido originalmente planejados para funções específicas, como mobilidade, contemplação ou lazer estruturado, a dinâmica social da cidade promove constantes resignificações, gerando usos não previstos que ampliam suas funções sociais e culturais. Conclui-se que os espaços urbanos de Marabá configuram-se como territórios de interação afetiva e sociabilidade, nos quais práticas cotidianas, encontros e experiências sensoriais contribuem para a construção de vínculos simbólicos entre os habitantes e a cidade, revelando a importância da psicogeografia como ferramenta interpretativa das experiências urbanas.

Palavras-chave: Psicogeografia; Geografia afetiva; Lazer; Espaços culturais.

Abstract: This article analyzes the cultural and leisure spaces of the city of Marabá (PA) from the perspective of psychogeography, seeking to understand how different forms of urban appropriation produce affective and sociocultural experiences in the daily life of the city. The study aims to investigate how certain public spaces are resignified by users, becoming meeting places, sociability and cultural practices. Methodologically, the research is based on a qualitative approach, combining bibliographic review on psychogeography, space production and urbanism, with observation and descriptive analysis of four urban spaces in the city: Praça da Criança, Orla Sebastião Miranda, Praça dos Maçons and Ponte Ana Miranda. From these analyzes, we seek to understand the relationships between institutionalized urban planning and the forms of daily appropriation carried out by the population. The results indicate that, although many of these spaces were originally planned for specific functions, such as mobility, contemplation or structured leisure, the social dynamics of the city promotes constant resignifications, generating unforeseen uses that expand its social and cultural functions. It is concluded that the urban spaces of Marabá are configured as territories of affective interaction and sociability, in which everyday practices, encounters and sensory experiences contribute to the construction of symbolic links between the inhabitants and the city, revealing the importance of psychogeography as an interpretative tool for urban experiences.

Keywords: Psychogeography; Urban space; Leisure; Space appropriation; Marabá.

1. Doutor em Engenharia Civil; Professor do Magistério Superior na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).

2. Doutor em Neurociências e Biologia Celular pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).

3. Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Professora na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).

INTRODUÇÃO

Marabá é uma cidade que passa por constantes mudanças; esse artigo busca trazer à luz algumas questões de natureza artística e urbanística que atravessam as cidades. Sendo assim, observam-se espaços marabaenses que tratam de transgressões ou conflitos construindo novos espaços pelo viés dos estudos da psicogeografia com as comunidades da região. Nesse sentido, a população de Marabá caminha construindo espaços alternativos e móveis para a propagação de atividades e de encontros culturais e de lazer, visando o cumprimento da declaração universal dos direitos humanos no artigo 24 do direito ao descanso e lazer afirma que “Toda pessoa tem direito ao repouso e ao lazer, incluindo a limitação razoável das horas de trabalho e a férias periódicas remuneradas.”

A cidade investigada neste artigo é um município localizado no sudeste do estado do Pará, na região Norte do Brasil. Marabá é considerado como um dos principais polos urbanos, econômicos e culturais da região amazônica, com uma população de mais de 280 mil habitantes (IBGE, 2022). A cidade se destaca por sua localização estratégica, sendo um importante entroncamento rodoviário, ferroviário e hidroviário, onde os rios Tocantins e Itacaiúnas se encontram. Existe uma diversidade de pontos culturais importantes e históricos para a cidade paraense, como por exemplo o Museu Municipal Francisco Coelho, a Igreja São Félix de Valois, a Biblioteca Municipal Orlando Lobo de Marabá, a Fundação Casa da Cultura, a Praça Duque de Caxias, o Pontal Cultural, o Parque Zoobotânico, a Usina da Paz no Bairro Liberdade, entre outros. Entretanto, objetiva-se aqui destacar espaços culturais em Marabá considerados inventados e/ou convidados pela perspectiva de Mirafatab (2009). As ações artísticas no ambiente urbano, ou seja, na cidade, promovem uma profunda reflexão mental da relação do cidadão com a sua cidade. Mirafatab (2009) destaca “espaços inventados” baseados nas criatividade sociais e resistência e “espaços con-

vidados” criados por instituições e seguindo controles de regimes governamentais:

Os dois tipos de espaços estão em uma relação interativa, mutuamente constituída, não em uma relação binária. Eles não são mutuamente exclusivos, nem nenhum dos dois está necessariamente afilhado a um conjunto fixo de indivíduos ou grupos ou a um tipo particular de sociedade civil.

Como muitas cidades da Amazônia, Marabá compartilha de desafios relacionados à infraestrutura, urbanização acelerada, desmatamento, e desigualdades sociais. Desse modo, iremos tratar especificamente de dois caminhos de diálogo: a partir da articulação do “espaços convidados” com noções da psicogeografia, qual é a importância da Psicogeografia em Marabá? E analisaremos alguns espaços culturais e de lazer de Marabá que são reinventados e criados diante da psicogeografia.

Assim, o presente artigo tem como objetivo analisar alguns espaços culturais e de lazer da cidade de Marabá a partir da perspectiva da psicogeografia, buscando compreender como esses locais são apropriados e ressignificados pelos usuários no cotidiano urbano. Para isso, foram selecionados quatro espaços públicos, Praça da Criança, Orla Sebastião Miranda, Praça dos Maçons e Ponte Ana Miranda, analisados à luz de referenciais teóricos sobre produção do espaço, apropriação urbana e experiências afetivas no ambiente citadino. Para alcançar esse objetivo, o artigo está estruturado em três momentos principais. Inicialmente, apresenta-se uma discussão teórica sobre psicogeografia e sua relação com a experiência urbana. Em seguida, são analisados quatro espaços públicos da cidade de Marabá, considerando suas formas de uso, apropriação e significados sociais. Por fim, são apresentadas as considerações finais, que discutem a relevância desses espaços para a compreensão das dinâmicas culturais e afetivas da cidade.

O ESPAÇO COMO CAMINHO AFETIVO EM MARABÁ

O termo “psicogeografia” foi popularizado pelo grupo de vanguarda anti-artística denominado Internacional Situacionista (IS), surgida em 1957 a partir da fusão de diferentes movimentos – entre eles a Internacional Letrista (IL), o Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista (IMIB) (originado de uma dissidência do grupo CoBrA [Copenhague, Bruxelas e Amsterdã]) e a Associação Psicogeográfica de Londres (LPA). Esses coletivos desempenharam papel central na formulação e no desenvolvimento dos estudos de psicogeografia, compreendida como investigação das influências do espaço urbano sobre os comportamentos, afetos e práticas sociais (Debord, 1955; Sadler, 1998). Esses grupos trabalham buscando a construção das *situações vividas* em comunhão com a cidade. Para os situacionistas, “[q]ualquer construção dependerá da participação ativa dos cidadãos, o que só seria possível por meio de uma verdadeira revolução da vida cotidiana” (Jacques, 2003, p.19). O processo da deriva, a dimensão prática da psicogeografia, pode depender de uma pessoa que caminha sem um rumo, pode ser vagante ou um *flâneur*, mas que vive experiências na cidade de modo sem cobranças ou exigências institucionalizadas. Podemos compreender a psicogeografia como a teoria pela qual a deriva se estrutura, para que possamos entender essa vivência experimental com a cidade e suas formas de diálogo com os acontecimentos pessoais, até que vire algo como uma espécie de memória afetiva de percursos e vínculos afetivos com os espaços.

Desde sua inepção no nexu IL-IMIB-CoBrA-LPA, a psicogeografia galgou novas posições, da literatura de JG Ballard à exposição da deriva urbana por Iain Sinclair; passando pela reimaginação “histórico-mística” de Stewart Home (Coverley, 2012): “De muitas maneiras, a psicogeografia atual permanece atenta à crescente banalização do nosso ambiente urbano que preocupava os situacionistas e continua a fornecer uma resposta política às fa-

lhas percebidas na governança urbana.” (Coverley, 2012, p. 111). A psicogeografia contribui para uma reflexão dos espaços como instrumentos vividos na composição de uma história local e afetuosa que reverbera em gerações. Isso é um sinal de permanência dos sentidos de um determinado espaço para um entendimento psicológico, tanto para nível individual como coletivo. A base psicológica para esse processo é a experiência pré-consciente e corporificada/encarnada do espaço (Moore, 2012; Duff, 2010; Kriegler-Wenk & Rose, 2025): “As cidades exibem espaços que são emaranhados – nem completamente caóticos, nem em absoluta harmonia: ao mesmo tempo imaginados, praticados, atravessados, representados, e encarnados” (Krajina, 2016, p. 57). A apropriação individual e coletiva do espaço, para além de sua expropriação pelo monopólio ou pelo Estado, é um produto inevitável do *habitar*: “*Habitar é devir ingovernável, é força de um vínculo e tecido de relações autônomas*” (Conselho Noturno, 2019, p. 111; itálicos no original).

Os estudos da psicogeografia em Marabá revelam-se fundamentais para compreender as articulações entre a tradição cultural e as novas formas de sociabilidade urbana. Nesse sentido, a psicogeografia, enquanto campo que observa os efeitos do espaço urbano sobre as emoções e os comportamentos (Debord, 1955), permite analisar como os sujeitos constroem relações simbólicas e afetivas com os lugares. Tais interações favorecem a constituição de identidades múltiplas e de um sentimento de pertencimento, em consonância com a ideia de “produção do espaço” de Lefebvre (1991), que compreende o espaço não como mero suporte físico, mas como resultado das práticas sociais. A “apropriação”, conceito introduzido por Lefebvre (1991) para descrever um modo de agir em relação à vida cotidiana contrário à passividade, envolve encontros que podem não ter consequências imediatas e visíveis, e que pode não sustentar interações de longo prazo. Como território vivido, a apropriação da cidade sempre envolve mais do que os atos visíveis de seus habitantes; como apon-

ta Cameron Duff (2010), o território vivido é sempre composto de “lugares grossos” e “lugares finos” na vida cotidiana; os “lugares finos” não oferecem nada para fixar o indivíduo, nenhum comando memorável ou ressonante, enquanto os “lugares grossos” são criados no emaranhamento de afetos, hábitos, e práticas dos indivíduos, representando oportunidades para um aprofundamento da experiência afetiva do habitar. Esses lugares, podemos dizer, apresentam uma “fecundidade afetiva” que não é vista nos “lugares finos”: “Experimentar um lugar é ser afetado por ele, do mesmo modo como envolve uma avaliação ativa das oportunidades táticas e dos recursos práticos que os lugares invariavelmente apresentam” (Duff, 2010, p. 881). “Lugares grossos” são criados tanto quanto descobertos, e a matéria pela qual são feitos é o afeto e a prática.

O acelerado crescimento urbano de Marabá, evidenciado pelos dados do IBGE, intensifica a necessidade de repensar os espaços de lazer enquanto dispositivos de inclusão e democratização cultural. Nesse contexto, esses espaços não apenas cumprem a função recreativa, mas tornam-se também arenas de encontro intercultural, aproximando o tradicional do contemporâneo e promovendo o acesso a diferentes manifestações artísticas.

Tal dinâmica dialoga com a noção de “hibridismo cultural” desenvolvida por Canclini (2008), na medida em que o espaço urbano se converte em território de trocas simbólicas, marcado pela convivência de culturas diversas. Assim, analisar a psicogeografia de Marabá implica reconhecer que os espaços públicos de lazer não se limitam a sua materialidade, mas constituem lugares de memória, sociabilidade e resistência. Eles funcionam como pontos de mediação cultural, particularmente relevantes em um contexto em que a população apresenta carências de acesso à arte e ao conhecimento, tornando-se, portanto, elementos estratégicos para a construção de uma cidade mais plural e inclusiva. Ainda, diante da dimensão humana, nota-se que Jan Gehl (2013) afirma que:

Uma característica comum de quase todas as cidades – independentemente da localização, economia e grau de desenvolvimento – é que as pessoas que ainda utilizam o espaço da cidade em grande número são cada vez mais maltratadas. Espaço limitado, obstáculos, ruído, poluição, risco de acidentes e condições geralmente vergonhosas são comuns para os habitantes, na maioria das cidades do mundo. O rumo dos acontecimentos não só reduziu as oportunidades para o pedestrianismo como forma de locomoção, mas também deixou sitiadas as funções cultural e social do espaço da cidade. A tradicional função do espaço da cidade como local de encontro e fórum social para os moradores foi reduzida, ameaçada ou progressivamente descartada (p.3).

A cidade pressiona as pessoas a lidarem com uma variedade de elementos que ferem os direitos humanos como um todo. Nesse sentido, os caminhos psicogeográficos contribuem para refletir sobre determinadas limitações espaciais e isoladas, baseados nesses espaços geográficos que agregam e provocam novas possibilidades psicológicas. Isso, pode-se perceber na parte prática dos espaços criados e inventados pela sociedade.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e análise descritiva de espaços urbanos. Inicialmente, foi realizada uma revisão de literatura sobre psicogeografia, produção do espaço e experiências urbanas, com base em autores como Debord (1955), Lefebvre (1991), Duff (2010) e Coverley (2012), entre outros, a fim de estabelecer o referencial teórico que orienta a análise. A etapa empírica consistiu na observação e descrição de quatro espaços públicos da cidade de Marabá (PA): Praça da Criança, Orla Sebastião Miranda, Praça dos Maçons e Ponte Ana Miranda. A escolha dessas áreas ocorreu em função de sua relevância social, cultural e urbana, bem como pela frequência de uso por diferentes grupos da população. Esses espaços também apresentam características distintas de uso e apropriação, possibilitando observar diferentes dinâmicas de sociabilidade, lazer e circulação.

As informações foram levantadas a partir de observações dos usos cotidianos desses espaços, considerando aspectos como fluxos de pessoas, formas de permanência, atividades realizadas e interações sociais. A análise foi orientada pela perspectiva da psicogeografia, buscando compreender como a configuração física dos espaços e as práticas dos usuários produzem experiências afetivas e relações simbólicas com o ambiente urbano. As situações de criações de possibilidades desses espaços podem ser visualizadas em alguns lugares na cidade de Marabá, que iremos apresentá-los e discuti-los no próximo tópico.

ESPAÇOS CULTURAIS E DE LAZER DE MARABÁ: ENTRE REINVENTADOS E CRIADOS

CASO 1: PRAÇA DA CRIANÇA

Inaugurada em 14 de abril de 2007, a Praça da Criança constitui um espaço institucionalizado de lazer ao ar livre em Marabá. O local é caracterizado pelo monumento em forma de foguete espacial, funcionando também como playground infantil. Em 2018, a praça passou por revitalização, sendo equipada com novos aparelhos de ginástica.

Conforme afirmam Araújo et al. (2023), a Praça André Barbosa, mais conhecida como Praça da Criança, não se configura como um espaço adequado para o funcionamento de uma praça. Tal inadequação decorre, sobretudo, de problemas relacionados à acessibilidade e à segurança dos pedestres, uma vez que sua implantação ocorreu em uma rotatória situada nas imediações de um Polo Gerador de Viagens, o Hospital Municipal de Marabá. Essa escolha de localização evidencia um conflito entre a função do espaço público, pensado como lugar de encontro e sociabilidade (Lefebvre, 1991), e as dinâmicas do tráfego rodoviário, que priorizam a fluidez dos automóveis em detrimento da mobilidade pedonal.

Nesse sentido, a Praça da Criança expressa o que Gehl (2013) denomina como “desenho urbano hostil”, no qual os espaços são projetados de modo

a favorecer a circulação viária em lugar da permanência humana. Em vez de promover a democratização do uso do espaço urbano, a implantação da praça nesse contexto produz barreiras físicas e simbólicas que limitam sua apropriação pela comunidade. Assim, longe de se consolidar como um espaço de lazer seguro e inclusivo, a praça materializa contradições do planejamento urbano local, revelando tensões entre a lógica do transporte motorizado e a necessidade de espaços públicos acessíveis e integradores.

Entretanto, enquanto equipamento de lazer gratuito, a praça apresenta maior fluxo de público no período noturno, seja pelo uso do *playground*, motivo que possivelmente lhe conferiu a alcunha, seja pela utilização dos equipamentos de exercício. Nesse contexto, pode-se inferir que, à luz do conceito de espaço inventado, o local assume um uso ativo, diretamente relacionado ao movimento dos corpos: crianças nos brinquedos e jovens e adultos nos aparelhos de ginástica. Observa-se, portanto, um direcionamento de sua apropriação voltado para fins recreativos, de lazer e esporte. Em um dos quadrantes da praça, há ainda boxes de alvenaria destinados à comercialização de gêneros alimentícios; contudo, estes apresentam baixa frequência.

Considerando que Marabá é uma cidade polinucleada, a praça em questão localiza-se no Núcleo Nova Marabá, concebido originalmente como projeto urbanístico modernista por Joaquim Guedes, posteriormente modificado por Harry James Cole. Esse traçado urbano resultou em um tecido muito mais favorável ao uso de automóveis do que ao deslocamento pedonal. Nesse contexto, a praça foi projetada com vagas de garagem destinadas aos seus frequentadores. Todavia, à luz da acepção de espaço inventado proposta por Miraftab (2009), observa-se que bancas de venda de gêneros alimentícios foram sendo instaladas de forma perene nessas vagas, em resposta à demanda de consumo.

Assim, configura-se um espaço de alimentação em que a preparação dos alimentos ocorre sob as antigas vagas de garagem, enquanto o consumo

se realiza nas calçadas, que, em vez de se manterem como áreas dinâmicas de circulação, transformam-se em ambientes estáticos, de parada e de espera, chegando a produzir barreiras arquitetônicas aos transeuntes. Apesar da presença dos brinquedos gratuitos, nota-se também a instalação de opções pagas no entorno, sobre as vagas de garagem remanescentes, com o objetivo de diversificar o lazer infantil e ampliar as possibilidades de usufruto da praça. De um ponto de vista psicogeográfico, portanto, a Praça da Criança representa um nó afetivo, no qual circulam e param afetos a partir de uma apropriação do uso do espaço e se emaranham hábitos que resistem ao planejamento inicial, ao mesmo tempo em que são capturados por práticas contraditórias do cuidado do corpo, do lazer, e da alimentação.

CASO 2: ORLA SEBASTIÃO MIRANDA

A Orla Sebastião Miranda é um dos principais cartões-postais de Marabá, localizada no Núcleo Marabá Pioneira, porção histórica da cidade, pode ser considerada como uma praça linear. Inaugurado em 2003, o Espaço Tião Miranda passou por uma reforma em 2017 e recebeu ampliação entre 2019 e 2020. Constitui-se em um importante polo de agitação cultural e é reconhecido como um dos mais bonitos da cidade. O local apresenta fluxo significativo de pessoas, devido à presença de restaurantes, pizzarias, lanchonetes, bares e praças nas proximidades, bem como à sua localização estratégica à beira do Rio Tocantins. Além disso, funciona como ponto de travessia e chegada de frequentadores da Praia do Tucunaré, oferecendo a oportunidade de contemplar o pôr do sol mais famoso da região. O espaço recebe o nome “Sebastião Miranda” em homenagem a Sebastião Miranda, figura importante na história local e pai do político Sebastião Miranda Filho, conhecido como Tião Miranda. Dessa forma, a denominação do espaço faz referência a uma personalidade histórica vinculada à memória local. Ao longo de sua extensão, a orla é equipada com mobiliários urbanos, como jardineiras, bancos e coberturas, que permitem o

uso contemplativo da paisagem do Rio Tocantins. Entretanto, em razão das elevadas temperaturas da cidade, a ocupação do espaço concentra-se predominantemente no período do arrebol vespertino, permanecendo subutilizada durante grande parte do dia.

Frente à orla, observa-se a presença de diversos estabelecimentos comerciais; ainda assim, é comum a utilização do espaço de forma autônoma, sem consumo pago, em que os frequentadores levam seus próprios gêneros alimentícios. Tal prática evidencia uma apropriação do espaço público pelos usuários, adaptando-o às suas necessidades e interesses, em consonância com estudos de urbanismo que apontam a flexibilidade e a criatividade nas dinâmicas de uso urbano (Lefebvre, 1991; Jacobs, 1961).

Sob a perspectiva da psicogeografia, a orla pode ser interpretada como um espaço onde a configuração física, os fluxos humanos e os afetos interagem, moldando experiências sensoriais e emocionais. Nessas interações, destacam-se os encontros de amigos, familiares e crianças, aproximando os indivíduos da natureza e do ambiente fluvial, representando um emaranhado de afetos, práticas, e hábitos (Duff, 2010). A contemplação do horizonte, com a confluência dos rios Itacaiúnas e Tocantins, reforça a dimensão afetiva do espaço, enquanto a prática de caminhadas e exercícios físicos configura uma forma de “mobilidade verde” ou sustentável, integrando lazer, saúde e apreciação ambiental. Apesar de sua função primordial como espaço contemplativo, a orla reflete as tensões contemporâneas entre lazer, consumo e sociabilidade urbana, confirmando a análise de Bauman (2007) sobre a centralidade das práticas de consumo nos espaços públicos contemporâneos. Por exemplo, é comum a apropriação desses espaços, sobretudo no período noturno, por som automotivo em volumes elevados, produzindo conflitos com o uso como ambiente de circulação. Dessa forma, a orla não se restringe a um cenário passivo de observação, mas constitui um ambiente de circulação afetiva, interação social, apropriação cultural e lazer,

evidenciando a complexidade da experiência urbana e a subjetividade do uso do espaço.

CASO 3: PRAÇA DOS MAÇONS

A Praça dos Maçons segue a lógica de praça linear, cujo principal atrativo seria, em teoria, a pista de corrida. No entanto, sua área central, composta por gramados, é utilizada para descanso, contemplação e consumo de gêneros alimentícios, evidenciando uma apropriação flexível do espaço pelos usuários. No entorno, vagas de garagem são frequentemente ocupadas por vendedores de lanches, que utilizam em média duas a três vagas, configurando mais uma adaptação do espaço para atender às demandas de consumo.

Na perspectiva da psicogeografia, observa-se que a Praça dos Maçons se constitui como um espaço dinâmico, onde a configuração física, os fluxos humanos e os afetos se entrelaçam, moldando experiências sensoriais e sociais urbanas por via do lazer e encontros afetivos, hábitos, e práticas. O canteiro central gramado, por exemplo, é frequentemente ocupado para a prática espontânea de esportes pelo público infanto-juvenil, mesmo com a existência de uma quadra não coberta destinada a atividades esportivas. Esse uso improvisado evidencia a criatividade e a apropriação afetiva do espaço, demonstrando que sua função vai além da contemplação ou do lazer planejado, funcionando como um ponto de sociabilidade urbana, interação e circulação livre de pessoas de diferentes faixas etárias. Dessa forma, a Praça dos Maçons exemplifica como os espaços públicos em Marabá podem ser lidos psicogeograficamente, considerando a experiência subjetiva dos usuários, a mobilidade afetiva e a flexibilidade na utilização do espaço urbano.

CASO 4: PONTE ANA MIRANDA

A Ponte Ana Miranda constitui um equipamento de mobilidade urbana responsável por conectar o Núcleo Cidade Nova a Nova Marabá, separados pelo Rio Itacaiúnas. Embora já existisse uma

ponte anterior desempenhando a mesma função, o crescimento populacional da cidade motivou a construção de uma nova estrutura para aprimorar a circulação de pessoas e veículos. Apesar de seu caráter técnico e funcional, voltado principalmente ao trânsito, a ponte também é apropriada pelos moradores como espaço de contemplação e sociabilidade urbana. Sob a perspectiva da psicogeografia, observa-se que os fluxos humanos e a configuração física do local moldam experiências sensoriais e afetivas, tornando a ponte um ponto de registro fotográfico do *skyline* urbano, de encontros familiares e até de gravação de vídeos voltados a diferentes públicos. Essa apropriação criativa evidencia que o espaço, embora projetado para a mobilidade, se transforma em um ambiente multifuncional, onde circulação, lazer, afetos e estética se entrelaçam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises dos espaços públicos de Marabá revelam uma complexa tessitura entre planejamento urbano, apropriação cotidiana e afetividade territorial. A partir dos conceitos de espaço inventado e espaço convidado (Miraftab, 2009), observa-se que os equipamentos urbanos estudados — ainda que concebidos sob lógicas institucionais e funcionais — são constantemente ressignificados pelos usuários, que os adaptam às suas necessidades, desejos e práticas. Essa apropriação (Lefebvre, 1991) transforma espaços inicialmente pensados para circulação ou contemplação em ambientes de sociabilidade, lazer e consumo, evidenciando a potência criativa dos corpos urbanos. Ao mesmo tempo, a psicogeografia permite compreender esses lugares como “lugares grossos” (Duff, 2010), onde fluxos humanos, afetos e materialidades se entrelaçam, gerando experiências sensoriais densas e significativas. Mesmo diante de barreiras físicas e simbólicas, como o desenho urbano hostil da Praça da Criança ou os conflitos de uso na Orla Sebastião Miranda, os espaços públicos de Marabá resistem e se reinventam, revelando que a cidade é

vivida para além de sua forma projetada — como palco de encontros, afetos e práticas que desafiam e reconfiguram os limites do planejamento urbano.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Andréa Nazaré Barata de; OLIVEIRA, Antonio Carlos Santos do Nascimento Passos de; MONTEIRO, Marcela Marçal Maciel; COSTA, Mateus Araújo. Sustainable Development Goals in Marabá, Pará: A study on Praça da Criança. **The Journal of Engineering and Exact Sciences**, v. 9, n. 7, p. 16451-01e, 2023. DOI: 10.18540/jcecvl9iss7pp16451-01e.

BARREIRO LEÓN, Bárbara (2015): Psicogeografía y ciudad: Iconografía de la ciudad Surrealista. **Ángulo Recto. Revista de estudios sobre la ciudad como espacio plural**, vol. 7, núm. 1, pp. 5- 12.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, 199 p.

CONSELHO NOTURNO. **Um habitar mais forte que a metrópole**. São Paulo (SP): GLAC Edições, 2019.

COVERLEY, Merlin. **Psychogeography**. Herts (GB): Oldcastle Books, 2012.

COVERLEY, Merlin. **A arte de caminhar: o escritor como caminhante**. São Paulo: Martins Fontes-selo Martins, 2014.

DEBORD, Guy. Introdução a uma crítica da geografia urbana. **Les lèvres nues**, v 6, 1955. Disponível em: https://irp.cdn-website.com/e401e78b/files/uploaded/geografia_urbana.pdf. Acesso em: 29 out. 2025.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUFF, Cameron. On the Role of Affect and Practice in the Production of Place. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 28, p. 881-895, 2010.

ELHAJOUÏ. Première exposition de psychogéographie [1957]. In: **SITUATIONNISTE BLOG**. 30 out.

2022. Disponível em: <https://situationnisteblog.com/2022/10/30/premiere-exposition-de-psychogeographie-1957/>. Acesso em: 29 out. 2025.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. RJ: Ed. Dp&A, 1992.

FLORIDO, Marisa. **Seminário o artista e a cidade**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=f1SpEwnSD5k>. Acesso em 30/06/17.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. [Bauen, Wohnen, Denken] (1951). Conferência pronunciada por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt”, 1954.

HOME, Stewart. **Assalto à cultura: Utopia subversão guerrilha na (anti) arte do século XX**. tradução: Cris Siqueira. São Paulo (SP): Conrad Editora do Brasil, 2004.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/Internacional situacionista**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KRAJINA, Zlatan. The alternative urbanism of psychogeography in the mediated city. In: SHAW, Debra Benita; HUMM, Maggie (org.). **Radical space: Exploring politics and practice**. Londres (GB): Rowman & Littlefield International, 2016. p. 39-63.

KRIEGLER-WENK, Zoe Rose; GREEN, John C. Psychogeography as Embodied Connection to Place. **AMA Journal of Ethics**, v. 27, n. 6, p. E402-408, 2025.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1991

MIRAFTAB, Faranak. Insurgent planning: Situating radical planning in the global south. **Planning Theory**, v. 8, n. 1, p. 32-50, 2009.

MOORES, Shaun. **Media, Place, and Mobility**. Londres (GB): Palgrave MacMillan, 2012.

OURIQUES, Evandro Vieira. **Teoria Psicopolítica: A emancipação dos Aparelhos Psicopolíticos da Cultura**. Co-edição Universidad de La Fronteira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade do Porto, Universidad Nacional de La Plata e Universidade de Groningen, 2017.

Grupo Poro. **Intervalo, Respiro, Pequenos deslocamentos: Ações poéticas do Poro**. São Paulo. Ed. Radical Livros. 2011. Disponível em: https://poro.redezero.org/downloads/ebook_poro.pdf.